

## A QUESTÃO AMBIENTAL E AS NOVAS METÁFORAS ESPACIAIS

**Arlete Moisés Rodrigues**  
**Dept. Sociologia- UNICAMP**

A questão ambiental está trazendo à tona a discussão espacial e a relação da sociedade com a natureza de modo mais complexo do que ocorreu em períodos anteriores. Coloca em evidência novas metáforas espaciais, onde o espaço parece transformar-se no modo privilegiado do pensar e do agir do fim de século XX.

Como a geografia, desde suas origens, analisa as relações do homem com o meio, cabe-nos a tarefa de tentar compreender a multiplicidade das concepções que estão permeando hoje as manifestações da sociedade. Os matizes são inúmeros vão desde proposta de “volta” ao passado, aos, que consideram que a terra tem vida própria- toria de Gaia-, ou as propostas de Desenvolvimento Sustentable, de Sociedade Sustentable.

Cabe- nos também compreender e explicitar a “natureza” das questões “ambientais” tanto as ‘produzidas’ em câmara lenta, como as de impacto imediato, que se manifestam tanto na escala local como na mundial. Mas todas elas são mediadas pela categoria espacial: o buraco na camada de ozono; o afeito estufa ou a chuva ácida; as enchentes e queda de barracos por ocuparem vales de rios ou encostas íngremes; ou a destruição de florestas por queimadas ou derrubadas. Não importa a escala todos estes fatos ocorrem e são localizáveis territorialmente. Na multiplicidade de questões deste final de século, privilegiamos apontar aspectos dos eventos: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – CNUMAD ou Rio 92- e o Fórum das Organizações Não Governamentais e Movimentos Sociais – Fórum Global-, que ocorreram em Junho de 1992 no Rio de Janeiro- Brasil.

Deste eventos, apontaremos alguns aspectos para verificar se há novas matrizes discursivas na relação da Sociedade com a Natureza e no que denominamos Metáforas Espaciais.

Os dois eventos guardam diferenças, diversidades. A Conferência das Nações Unidas reuniu Chepes de Estado e/ou seus representantes para tratar de assuntos que dizem respeito à normas internacionais, enquanto o Forum Global reuniu a Sociedade Civil organizada em ONGs e movimentos sociais.

Os dois eventos guardam também semelhanças, pois caracterizam um momento de encontro para a discussão de propostas visando uma nova relação da Sociedade com a Natureza.

Abordamos, inicialmente a CNUMAD ou Rio 92. Destacando alguns aspectos comparativos entre a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente realizada em 1972 em Estocolmo e a de 1992 realizada no Rio de Janeiro.

A conferência de 1972 teve como eixo “a busca de soluções técnicas para as desigualdades sociais e econômica entre os povos do primeiro e do terceiro

mundo; os índices de poluição e a preocupação com a possibilidade de escassez de recursos- O lema do Encontro é uma Só Terra- baseado, no livro de Bárbara Ward y René Dubós, que situava e insistia em que as necessidades humanas deveriam ser satisfeitas ao mesmo tempo que não se comprometeria as necessidades das gerações futuras.

Havia duas propostas contraditórias para atingir estes objetivos, uma que ressaltava que o crescimento econômicas e sociais entre o primeiro o terceiro mundo. Esta proposta era defendida principalmente pelos representantes dos países do terceiro mundo. A outra proposta é a do crescimento zero- defendida pelo Club de Roma-, por tanto por representantes dos países do primeiro mundo. Ressaltavam estes que qualquer comprometida, ainda mais, os recursos ambientais e que por tanto dever-se-ia manter os níveis de crecimiento e desenvolvimento já alcançados.

Este debate permou a Conferência de Estocolmo e como um dos resultados foi estabelecido o Programa das Nações Unidas sobre Meio Ambiente. Ampliase também, a partir de 1972 a organização da sociedade civil em movimentos ambientalistas e/ou ecologistas.

Em 1987 é concluído o Velatorio Brundtland, conhecido sob o título de “Nosso Futuro Comun”. As ideais contidas no relatório são consideradas um meio termo entre as propostas de crescimento a qualquer custo e o crescimento zero. O Desenvolvimento Sustentable será a base da Conferência de 1992, caracterizado como “um novo tipo de desenvolvimento capaz de manter o progresso humano não apenas em todo o planeta e até num futuro longínquo” (Nosso Futuro Comun- Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento- Edt. FGV- 1991-2ª. Ed).

Na convocatoria da Rio 92, afirmase que esta foi organizada “para examinar estratégias de desenvolvimento, acordos e compromisos específicos de movernos e agências governamentais, sobre atividades definidas em matéria de meio ambiente e desenvolvimento, especificando objetivos e prazos e recursos financieros para a implementação destas estratégias”.

Se a Conferência de 1972 realizase num país do primeiro mundo, para a cual compareceram 113 países más muito poucos Chepes de Estado, a Conferência de 1992 realiza-se num país de 3o mundo, para a qual compareceram mais de uma centena de Chepes de Estado. Se na conferência de Estocolmo há um debate sobre duas concepções diversas como o crescimento à qualquer costo (ambiental) ou o crescimento zero, na Conferência o Rio parece haver um consenso sobre o “Desenvolvimento Sustentable”.

São por tanto, diferentes fundamentais para ser pensar os ECOS DAS ECOS, durante el período de 20 anos. Emais ainda o evento Forum Global, em 1992, que trataremos mais à frente.

O Relatório da C.M.M.A.D.- “Nosso Futuro Comun”- pode ser considerado um documento básico- citado em vários documentos governamentais- para a Rio 92. Este relatório aponta que as desigualdades constituem-se no mayor

problema ambiental da terra e que a pobreza é ao mesmo tempo causa e efeito dos problemas ambientais. Ressalta, também, que para se atingir o Desenvolvimento Sustentável é necessário: retomar o crescimento econômico; alterar a qualidade do desenvolvimento; atender as necessidades essenciais de emprego, alimentação, manter um nível populacional sustentável; conservar e melhorar a base de recursos; reorientar a tecnologia e administrar o risco; incluir o meio ambiente e a economia no processo de tomada de decisões". Só assim, afirmam, se atingirá o Desenvolvimento Sustentável considerado como aquele que "atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem suas próprias necessidades" (Nosso Futuro Comum, op. cit).

Ao final da CNUMAD em 1992, como compreender o processo de negociação e os documentos assinados sobre: Convenção sobre Biodiversidade, Protocolo de Florestas, Carta Da Terra e Agenda 21, face ao proposto como Desenvolvimento tecnológico compatíveis com as necessidades atuais e futuras da humanidade? Evidentemente não se realizou, ainda, uma análise exhaustiva destes documentos.

Assim esta leitura é uma reflexão de aspectos da CNUMAD.

Comparando-se, preliminarmente, o exposto na convocatória, e as propostas de Desenvolvimento Sustentável, constatamos que poucas metas foram fixadas e poucos prazos foram estabelecidos e que as alterações, quando aparecem são pontuais e fragmentárias. Não indicam mudanças sobre concepções de desenvolvimento.

Cabe resaltar, que a CNUMAD é convocada no período em que conflitos apareciam predominantemente como Leste-Oeste (mesmo que os conflitos entre o Norte e Sul estivessem presentes). O espírito da convocatória é mais "forte" (no sentido de indicar mudanças) que os resultados obtidos. Alteraram-se, evidentemente, as forças políticas no período, a Crise e a Guerra no Golfo-lugar privilegiado de extração de combustíveis fósseis- deixaram evidente mais do que a questão ambiental e o "Desenvolvimento sustentável" o preço do petróleo. As alterações econômicas e sociais na URSS, ou melhor no Leste Europeu, deixam mais evidente o conflito em termos Norte e Sul. Um mundo bipolar com um único modo de produção/destruição da natureza.

Esperavam, alguns, que a Conferência do Rio fosse formalizada de questões previamente discutidas e deliberadas pelos países interessados. Frotou-se essa espera. Questões importantes, por ex. Na Convenção sobre Alterações Climáticas, como a fixação de prazo para a redução de emissão de CO<sub>2</sub> NA Atmosfera foram deixadas para a posterioridade. As Convenções sobre Biodiversidade, Florestas e os acordos e as transferências de tecnologias também não avançaram muito. Evidentemente, estas afirmações carecem, como já dissemos, de uma análise aprofundada dos documentos que não foram, até esta data, trazidos à público.

A Carta da Terra- que significaria estabelecimento de princípios e compromisos para a preservação do planeta-, transformou-se na Declaração do Rio. Perdeu sua força e expressão enquanto base de acordo internacional.

A Agenda 21 que seria o programa de Ação Global para o Desenvolvimento Sustentável também não avançou. Prece mais uma carta de boas intenções estão ausentes. Um ponto considerado importante da Agenda 21 foi a indicação para a criação da Comissão de Desenvolvimento Sustentável- a ser definida na Assembleia Geral da ONU.

A seguir destacamos alguns aspectos sobre a CNUMAD que se apresentam formulações de quesotes para aprofundarmos e debatirmos neste IV Encontro de Geógrafos de América Latina.

Neste final de século XX, estamos sob o 'signo' da hegemonia neoliberal. Nos documentos assinados as responsabilidades são atribuídas aos chefes de governos. São eles (ou seus representantes) ou signatários das convenções. Qual será, neste momento histórico, o significado desta responsabilidade ser uma atribuição exclusiva dos governantes? A final, com relação à questão ambiental, pelo menos, de que Estado se trata? Será o Estado a representação política do neoliberalismo?

Com relação ao conceito de Desenvolvimento Sustentável será na hegemonia neoliberal o mercado o definidor das políticas e responsabilidades? Se considerado o mercado o definidor, como será a designação e a destinação de recursos para as gerações futuras se estas não estão fisicamente presentes (ainda não nasceram) para expressar suas preferências no mercado? (cf. Joan Martínez Alier e Klaus Schulpman La Ecología y la Economía- Ed. Fondo de Cultura Económica-1991). Se a atual geração definir a que deverá ser atribuído às gerações futuras não será contraditório com o processo do que é para o próprio mercado considerado desenvolvimento (ou seja produção de mais mercadorias)? Será uma nova forma de domínio do futuro? Com relação ao mercado, cabe ainda destacar, este não prevê mudanças paradigmáticas (Cristóvam Buarque in Seminário nacional sobre Universidade e Meio Ambiente). Os empresários se orientam por um mercado potencial ou real. Como situar o mercado definidor de um novo paradigma de preservação em detrimento do consumo?

Com relação ao deslocamento das questões da Esfera-Leste Oeste para a Esfera Norte-Sul, poderíamos pressupor que com o fim da guerra fria será reduzida a produção armamentista e por tanto os 'perigos' da degradação ambiental? Não foi o que assistimos com os fatos recentes no Oriente Médio.

Além disso a questão armamentista não foi debatida na Conferência da ONU, muito embora dados da oratória ONU demonstram que na década de 80, teve um gasto elevado em armamentos em tempo de paz: 5% da renda mundial (um trilhão de dólares) foi gasta em armamentos. Todo sabemos o que esta produção consome em termos de energia fóssil e seu significado para a destruição ambiental.

O deslocamento da questão ambiental para eixo Norte- Sul, implica num aprofundamento de estudos do que Juan Martinez Alier (op cit) denomina de Intercâmbio Ecológicamente Desigual. Um exemplo utilizado pela autor refere-se ao aumento da produtividade na agricultura do primeiro mundo pela importação de adobos orgânicos como Guano (exportação do Peru) ou os provenientes dos combustíveis fósseis.

Sobre o intercâmbio ecológicamente desigual cabe lembrar que os primeiros movimentos ecológicos que ocorreram no primeiro mundo impedindo a instalação de indústrias poluentes, se não promoveu, foi um fator da instalação destas indústrias nos países do terceiro mundo, das quais um exemplo é a indústria de celulose.

Ou ainda, como outro exemplo de intercâmbio Ecológicamente Desigual, a “exportação” de dejetos. “Entre 1986 e 1988 mais de 3 milhões de toneladas de dejetos foram enviadas para 15 países do terceiro mundo; das quais mais de 3 mil toneladas eram provenientes de um incinerador da Filadelfia e quase 4 mil toneladas de dejetos tóxicos depositadas nas proximidades de um porto na Nigéria” (Jose Maria B. Navia- Directo Ambiental- O directo a um ambiente viver- mimeo s/data). Trata-se de intercâmbio que redefine a divisão territorial do trabalho?

Com relação ao Desenvolvimento Sustentável e o “equilíbrio” ou seja as propostas de Controle da Natalidade. Lançamos a hipótese que possivelmente pela pressão exercida, pelo Fórum Global, esta proposta não foi abordada na CNUMAD. Será, sem dúvida, objeto de discussão na Conferência da ONU sobre população que se realizará em 1994. Debater o controle da natalidade ou como, eufemisticamente é tratado, o planejamento familiar, implica também em apontar vários aspectos. Com relação à questão do Estado, na hegemonia neoliberal, intervir na vida familiar é intervir na vida privada. Intervenção pública na vida privada. Parece, na verdade, tratar-se da intervenção na vida cotidiana (na produção e reprodução de homens) ao mesmo tempo que se atribui a iniciativa privada a total liberdade na produção de mercadorias.

Também implica pensar no significado do que é a garantia de um mundo sadio para as gerações futuras, sem levar em conta os ‘desejos’ destas gerações. E mesmo da geração atual, considerando-se a ampla parcela que não tem acesso à mercadorias. É necessário pensar no futuro da humanidade no que entendemos por Desenvolvimento.

E também necessário analisar o significado do Desenvolvimento Sustentável na questão da população em face das ‘nacionalidades’ e de ‘classes sociais’, pois ao mesmo tempo em que há propostas de incentivos para a natalidade em países de pirâmide etária velha, como a França há as de controle para países de pirâmide etária jovem, como o Brasil. Há, também o ‘desenvolvimento’ de pesquisas científicas que podem propiciar a fertilização “in vitro” para uma determinada fração de classe social, enquanto para outras frações trata-se (até) de pesquisas que propõem a limitação da natalidade. Implica, também, em se analisar se não há um “deslocamento” das propostas malthusianas de controle de natalidade pela escassez de alimentos ao controle da natalidade

para resolver os problemas ambientais e a escassez de recursos, como fazem os neomalthusianos.

Há novas matrizes discursivas sobre os problemas antigos e velhas práticas mas o mesmo tempo no velho está contido o novo e o novo é o velho transformado. O espaço é em todas estas questões um importante elemento de análise. Há uma nova metáfora espacial.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, permitiu, mesmo que esse não fosse seu objetivo, a organização por parte da Sociedade Civil do Fórum das Organizações não Governamentais e Movimentos Sociais O Fórum Global. Trataremos agora de alguns aspectos desta manifestação.

O Fórum Global constitui-se em um marco da organização da Sociedade Civil Internacional em relação às questões ambientais, não só porque reuniu 6.800 ONGs de 177 países, com 19 mil participantes, mas também porque este encontro representa a busca de um novo paradigma para a Sociedade e da relação desta com a Natureza.

Caracterizou-se, o Fórum Global, pelo encontro de um grande número de atores sociais: movimento de mulheres, de ambientalistas, de movimentos populares e de intelectuais. Reuniu os denominados movimentos reivindicativos e os libertários. Este encontro significa um salto organizativo dos movimentos sociais e das ONGs.

Significa a criação e a ocupação de um espaço e a ocupação da Sociedade Civil Organizada. Significa uma organização além dos Estados e Governos. E a primeira vez na história da humanidade que um evento desse tipo acontece. Evento esse que vai além dos Protestos pelo modelo de Desenvolvimento adotado no mundo, pois tem Projectos de participação e de conscientização e de mundanas paradigmáticas.

A declaração final das ONGs demonstra estas questões ao destacar "... tomamos consciência da contradição dominante iníquo e insustentável, construído sob o mito do crescimento ilimitado e sem levar em consideração a finitude da Terra. Entendemos, por isso, que a salvação do planeta e de seus povos, de hoje e de amanhã, requer a elaboração de um novo projeto civilizatório, fundado sobre uma ética que determine e fundamente limites, prudência, respeito à diversidade, solidariedade, justiça e liberdade..."

"Para a Sociedade Civil, acima de tudo, fica um saldo positivo: depois da Conferência Rio 92, torna-se impraticável para os governos e organismos multilaterais decidir nosso futuro sem ouvir nossas vozes. Apoiados sobre esta nova consciência e sobre a nossa autonomia, lutaremos para que os Estados, essas instâncias internacionais e a própria ONU se democratizem. Lutaremos pela participação ativa dos cidadãos nos diversos mecanismos de decisão e controle de suas políticas..." (ONGs Rio, 1992)

Mais do que meras declarações de princípios as ONGs e os Movimentos Sociais presentes no Forum Global, elaboraram e assinaram 32 Tratados com propostas de ações conjuntas e alternativas para quesotes como dívida externa, educação ambiental, biotecnologias, agricultura, questão urbana, nuclear, manejo dos resíduos tóxicos, etc.

Os temas debatidos extrapolaram as quesotes propostas pela CNUMAD. Un ejemplo é a Questão Urbana. O Forum Brasileiro da Reforma Urbana, constituído pelos Movimentos Populares e por ONGs, juntos com o HIC-Habitat Internacional Coalition- e a FCOC- Frente Continental de Organizações Comunes- organizaram: "O Forum Internacional da Questão Urbana", tema este ausente da Conferência da ONU, muito embora a própria ONU em outros trabalhos aponte que ao iniciar-se o século XX, mais da metade da população mundial será urbana.

Representou, o Forum, Global, ainda de que forma inicial, a participação dos movimentos sociais na globalidade das quesotes, e a extrapolação de reivindicações pontuais.

Os Tratados implicam também em compromissos para uma ação conjunta entre as ONGs signatárias, que assumem a tarefa de implementá-los. Constituem também o estabelecimento de efetiva cooperação intencional da Sociedade Civil. Cabe ressaltar que os Tratados abordam a conceito polissêmico de Desenvolvimento Sustentável, expresso no relatório "Nosso Futuro Comum" de modos diferenciados. Há Tratados que utilizam o termo sem conceituá-los, outros negam-se a utilizá-lo, outros especificam o que compreendem por este conceito. No entanto, a ênfase mais comum é utilizar o conceito de Desenvolvimento Sustentável no sentido de igualdade, justiça social, preservação da diversidade cultural e de integridade ecológica. Como Sociedades Sustentáveis mais do que como Desenvolvimento Sustentável.

Cabe ressaltar que os Tratados abordam o conceito polissêmico de Desenvolvimento Sustentável, Expresso no Relatório "Nosso Futuro Comum" de modo diferenciados. Há tratados que utilizam o termo sem conceitua-los, outros negam-se a utiliza, outros especificam o que compreendem por este conceito. No entanto a ênfase mais comum é utilizar o conceito de Desenvolvimento Sustentável no sentido de igualdade, justiça social, preservação da diversidade cultural e de integridade ecológica. Como Sociedades Sustentáveis mais do que como Desenvolvimento Sustentável.

Há assim, nos Tratados do Forum Global, diversidade nas propostas e no entendimento das quesotes. Mas diversidade que se caracteriza também pela unidade na procura de formas de solidariedade e de mudanças paradigmáticas. Criam-se assim novas práticas e novas matrizes discursivas. O espaço está presente em todos os tratados, embora fossem poucos os geógrafos presentes no Forum Global.

Este amplo processo de mobilização, de organização da Sociedade Civil foi detonado a partir da convocação de um Conferência da ONU está o novo da Sociedade Civil organizando-se à nível Internacional.

A chamada Crise Ambiental, revela que pode estar em gestação uma nova sociedade. Considerando-se o carácter global dos impactos ambientais, da hegemonia neo-liberal, do deslocamento dos conflitos do eixo leste-oeste para o norte sul, pode estar em gestação uma nova metáfora espacial e social.

Esta abordagem que fizemos traz mais do que certezas indagações sobre a (re) construção da Sociedade Sustentable nas suas semelhanças e nas suas diferenças. Permite um (re) pensar sobre o Século XXI não só à partir das globalizações dos Movernos e da produção mas da Sociedade Civil.